Archivo Histórico — Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto — República Argentina

Paquete 7
Casilla 26

REPÚBLICA ARGENTINA

DIVISIÓN POLÍTICA

# Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto

GUERRA EUROPEA

**Expediente** ..... **Año** 1940.

Incidencias suscitadas con motivo de la detención de los vapores brasileños "BAGE" y "SERPA PINTO" por autoridades del control naval británico.

REFERENCIAS: exptes. Nos. 275 - 276 y 294.

EXPEDIENTE Nº 293.

Jorman - 75510 For. 64

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

# INDICE

F. 149

| FOLIO | FECHA | No. | PROCEDENCIA | OBJETO |
|---|---|---|---|---|
| | | | | |

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

Política

Cuerpo 293.

OFICINA DE CLAVE
☆ 18 DIC. 1940 ☆
RELACIONES EXTERIORES

TELEGRAMA CIFRADO Nº 1256

Londres, diciembre 18/18 de 1940

A S.E. el Señor Ministro de Relaciones Exteriores
Buenos Aires

Nº 359.- Tengo información Serpa Pinto será librado mediante especiales compensaciones. Seguiremos atentos a las consecuencias inmediatas de esta medida.

Le Breton

ANOTADO

Es traducción.-

JEFE DE CLAVE

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

Política

Exma 272.

OFICINA DE CLAVE
19 DIC. 1940
RELACIONES EXTERIORES

TELEGRAMA CIFRADO Nº 1261

Londres, diciembre 19 de 1940.

A S.E. el Señor Ministro de Relaciones Exteriores,

Buenos Aires.

Nº 361.- El barco brasileño libertado como anunciamos mi cablegrama 359 lo ha sido mediante compensaciones otorgadas en Río de Janeiro. Entendemos que se refiere retención de barcos alemanes en sus puertos para evitar el abastecimiento de buques armados enemigos de Gran Bretaña que atacan a su navegante comercio.

Le Breton

ANOTADO

Es traducción :

JEFE DE CLAVE

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

Política

Guerra 293.

OFICINA DE CLAVE
★ 13 ENE. 1941 ★

TELEGRAMA ORDINARIO Nº 58

Río de Janeiro, enero 11/13 de 1941.

A S.E. el Señor Ministro de Relaciones Exteriores,

Buenos Aires

Nº 8.- Ampliando informaciones anteriores transcribo a continuación un comunicado oficial que publica hoy sobre el caso del vapor Bagé. Dice así: El Ministerio de Relaciones Exteriores pidió al Ministerio de Guerra que impartiese órdenes para el desembarco del material bélico adquirido en Alemania y que está a bordo del Bagé en Lisboa, por haber el Gobierno británico negado, con nuestra protesta, libre tránsito para el mismo.

Labougle

Es copia

ANOTADO

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

16 Enero 223.

MESA DE ENTRADAS Y EXPEDICIONES
20 ENE. 1941
MINISTERIO DE RELACIONES EXTERIORES Y CULTO

MESA DE ENTRADAS Y EXPEDICIONES
A
DIVISION ASUNTOS POLITICOS

*Embajada de la República Argentina*

Río de Janeiro, Enero 13 de 1941.

R.E. Nº 19.-

POR AVION.

Señor Ministro:

Tengo el honor de dirigirme a V.E. adjuntandole una serie de recortes aparecidos en diversos órganos de la prensa dirigida de este país donde se comenta el incidente suscitado por el caso del vapor brasileño "Bagé", que ya es del conocimiento público. Dicho asunto ha tenido una gran repercusión y la prensa que en un principio lo comentó en términos moderados ultimamente lo ha hecho en forma mucho mas enérgica y reprobatoria para las autiridades británicas.

Así, por ejemplo, pueden leerse los párrafos que trancribo a continuación:

En "A Noite" del 10 del corriente: "El Brasil tiene el de-

/./././.

CON EL ANEXO CONFORME

A S.E. el Doctor D. Julio A. Roca.
Ministro de Relaciones Exteriores y Culto.
BUENOS AIRES.

J.M. de E.

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina



/./././.

recho de esperar que no se renueven las fáciles proezas de la escuadra británica contra su navegación.Es un derecho que nos garantiza el estatuto de neutralidad,fundado en los preceptos de la justicia y de la civilización que con tamaño énfasis Inglaterra sustenta defender".

En el "Correio Portugués" puede leerse:"Si hay una protesta llena de razón esta es la del Brasil contra la violencia inexplicable de no ser concedido el debido "navicert"para que el "Bagé" continuase,libremente,su viaje con una carga que era propiedad de la nación brasileña y que,sabiendose el punto terminal de su destino, no debería haber sido clasificada como contrabando de guerra".

Dice "O Jornal":"A la protesta del gobierno brasileño juntóse en aquella oportunidad,como ahora,la de toda la nación,que nunca se someterá a esa violación de sus soberanos derechos".

El "Medio Día" se muestra mas violento al decir:Y despues,el gobierno de Londres debe saber que esos hechos irrespetuosos a nuestra soberanía tienen el don de desenmascarar suficientemente las bellas declaraciones hechas al respecto del pretendido papel que representa la Gran Bretaña como guardián de la civilización y de la independencia de los pueblos,al mismo tiempo que afirmarán cuales son en realidad los mayores peligros para la seguridad y libertad de la naciones sudamericanas".

Aprovecho la oportunidad para reiterar a V.E. las seguridades de mi mas distinguida consideración.

Eduardo Labougle

Buenos Aires, enero 21 de 1941.

Acúsese recibo.

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 174
TEL. 43-1127

O JORNAL
Rio de Janeiro
11 de Janeiro de 1941

V. S. não tem tempo para lêr em todos os jornais o assunto que lhe interessa?
— — LUX-JORNAL fará esse serviço.

## VIOLAÇÃO DOS NOSSOS DIREITOS SOBERANOS

O Itamaraty pediu ao Ministerio da Guerra que desse ordem para desembarcar em Lisboa, o material de guerra brasileiro embarcado no navio nacional "Bagé", em vista de não haverem as autoridades britannicas dado ao navio o "navicert" solicitado.

Quando o "Siqueira Campos" foi conduzido a Gibraltar e impedido de proseguir viagem para o Rio de Janeiro, externámos aqui toda a nossa surpresa deante dessa attitude intransigente e descabida, tão desconforme com a correcção da nossa neutralidade e abusiva das regras do Direito Internacional.

Mostrámos as condições em que foram feitas as acquisições do material bellico brasileiro na Allemanha, sem haver no caso a mais leve infracção aos principios juridicos estabelecidos para o bloqueio e o contrabando de guerra.

Trata-se de uma carga destinada ao governo do Brasil, cuja finalidade é fortalecer o nosso paiz e por isso mesmo não sujeita ao controle que se pretende exercer sobre ella.

Ao protesto do governo brasileiro juntou-se naquella opportunidade, como agora, o de toda a nação, que nunca se submetterá a essa violação dos seus soberanos direitos.)

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 176
TEL 43-5422

Meio Dia
Rio de Janeiro
10 de Janeiro de 1941

Quer receber diariamente o que no Brasil se escreve na imprensa sobre determinado assunto?
Basta tomar uma assinatura de recortes de jornais do LUX-JORNAL

# Corolario de desrespeitos

644

*Alfredo Viana (Para o MEIO-DIA)*

A imprensa que teceu elogios velados ou abertos á Inglaterra pelo reconhecimento de nossos direitos nos casos do "Buarque" e do "Siqueira Campos" deve estar se sentindo constrangida. As arbitrariedades que muitos quizeram fazer crer como partidas de algumas autoridades navais menos avisadas, como o novo caso, o do "Bagé", demonstra ter sua origem diretamente no governo britanico que ha bem pouco tempo enviou o marquês de Willingdon chefiando uma missão economica para atividades politicas na America do Sul.

Por isso não se justificam outra vez esses "enganos" e essas "defesas" de parte dos meios anglofilos. A arbitrariedade contra os nossos direitos é inglesa, orientada diretamente de Londres pelos homens que dirigem os destinos da Grã Bretanha. Não se justificam, portanto, os subterfugios pois que essa medida de força, sem nenhuma base juridica, atinge a nossa soberania ao mesmo tempo que contraria fundamentalmente aquilo que chamamos de segurança da America e pan-americanismo. Como nação integrada que estamos, no movimento pela defesa do Continente, todos os armamentos de que possamos dispor destinam-se á propria segurança coletiva das terras ibero-americanas, absolutamente neutras deante do conflito atual. Coisa identica sucede com as outras nações irmãs e vizinhas nossas, do lado do Atlantico ou do Pacifico. Portanto, o caso do "Bagé", prejudicando os esforços do governo brasileiro no sentido de fortalecimento de nossas forças armadas, constitue um novo atentado não somente contra a nossa soberania, mas tambem, contra os esforços para a defesa do conjunto das nações americanas.

Não adeanta querermos discutir do ponto de vista do direito interncional, pois que o "Bagé" não pode deixar de ser considerado como um caso identico ao do "Siqueira Campos", ao qual embora depois de sua arbitrariedade, os ingleses concederam a devida permissão para cruzar o Atlantico, em direção de nossa patria. Hoje, como ontem, continua valendo a afirmação de nosso presidente, dr. Getulio Vargas.

"O material belico que encomendamos é nosso e custou o nosso dinheiro. Seria uma violencia aos nossos direitos querer impedir que venha ás nossas mãos e quem o tentar não poderá esperar de nós, atos de boa vontade e espirito de colaboração amistosa".

Deante desse novo caso que nos atinge diretamente, só podemos concluir que os plutocratas e imperialistas de Londres, estão empenhados em nos menosprezar e em impedir que nos armemos o suficiente para que, ao lado de todas as nações do Continente, possamos fazer valer em quaisquer circunstancias os nossos direitos e o respeito que nos é devido, de parte dos beligerantes. Mas os ingleses se esquecem que são muito claras as palavras proferidas pelo nosso presidente. Os brasileiros não concordam com atos de violencia, partam de onde partirem. Saberemos reagir á altura, e os ingleses devem saber muito bem que temos possibilidades de salvaguardar nossos interesses prejudicados por suas arbitrariedades. Ademais, as relações de amizade que mantemos com o governo da Inglaterra não poderão seguir um bom caminho desde que os nossos interesses não sejam respeitados pelas forças armadas britanicas. E depois, o governo de Londres deve saber que esses fatos desrespeitadores de nossa soberania têm o dom de desmascarar suficientemente as belas declarações feitas a respeito do pretenso papel que representa a Grã Bretanha como guardiã da civilização e da independencia dos povos, ao mesmo tempo em que afirmarão quais são na realidade os maiores perigos para a segurança e a liberdade das nações americanas.

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
AV. BUENOS AIRES 178
TEL. 43-5422

Correio Português
Rio de Janeiro
11 de Janeiro de 1941

Si V. S.ª desejar uma assinatura de qualquer jornal ou revista do Brasil, dirija-se ao LUX-JORNAL

# Pelo "Bagé"

A REPETIÇÃO de um caso como o do transporte do material de guerra pertencente ao Brasil, que foi impossibilitado de seguir o seu destino por imposição das autoridades inglesas do bloqueio, naturalmente feriu a sensibilidade brasileira, porque atenta contra um direito claro, qual o de que esse material se destina á defesa da Nação e foi adquirido antes de se iniciar o actual conflito europeu. O impedimento do "Bagé" póde considerar-se muito mais grave, porque é uma sequência do que sucedeu no "Siqueira Campos", constituindo uma incoerência flagrante, em referência ao primeiro, e quanto á solução que se lhe pretende dar.

Ninguém que nos leia, por certo, desconhece — e nós não sentimos nenhum constrangimento em o confessar — que não obstante procurarmos pôr todo o nosso cuidado em respeitar as determinações das superiores autoridades brasileiras, quanto ao que estabelecem na mais rigorosa neutralidade, inclinamos sempre as nossas simpatias entre os beligerantes para o lado inglês, que supomos estar defendendo a justiça contra a força e a violência. Essa circunstancia nos coloca perfeitamente á vontade para aplaudirmos o protesto que, oficialmente, o Brasil apresentou, achando que o seu governo está cheio de razão e que todo o país deve acompanhá-lo como prova de que reconhece que os seus direitos soberanos foram feridos, por isso que esse material, impedido de seguir viagem, não se destinava a nenhum dos países beligerantes, mas a uma nação neutra, que procura reorganizar, como lhe compete, as suas forças armadas.

Se há protesto cheio de razão e de legitimidade jurídica esse é o do Brasil contra a violência inexplicavel de não ser concedido o devido "navicert" para que o "Bagé" continuasse, livremente, a sua viagem com uma carga que era propriedade da nação brasileira e que, sabendo-se o ponto terminus do seu destino, não deveria ser classificada contrabando de guerra. E aqui nos acode uma consideração lógica sobre o facto: se a carga do "Siqueira Campos", provavelmente da mesma natureza da do "Bagé", pôde chegar, como era justo, aos portos brasileiros, em que se funda a recusa ao "Bagé"? Ou no primeiro caso houve uma concessão baseada em razões claras, sem sombra de favor, incompativel com o tempo de guerra, e igual concessão deveria ter sido feita á carga do "Bagé", ou a "reprise" da violência denuncia um arrependimento quanto á desistência do primeiro embargo e patenteia um exibicionismo de força, que não se compreende em matéria tão clara e entre dois povos que mantêm relações da maior cordialidade.

Em princípio, não cabe a ninguém o direito, e muito menos ás autoridades que orientam o bloqueio britanico, de procurar impedir que uma nação como o Brasil, afastada dos campos de batalha, encouraçando-se com uma rígida neutralidade contra as misérias da guerra, cuidando unicamente da sua prosperidade, do seu progresso, do seu ressurgimento físico e moral, trate de colocar as suas forças armadas no grau de eficiência que lhes é necessário para cumprirem a missão de que a Nação as encarregou. Para quem é esse armamento? Para algum inimigo da Inglaterra? Para ser aproveitado fora do território nacional? Estas perguntas dispensam respostas, porque estão dentro d'elas mesmas. O armamento que conduzia o "Bagé" terá o mesmo destino que o que conduziu o "Siqueira Campos". Se um foi liberto, o outro o teria de ser, também.

O Sr. Ministro das Relações Exteriores, conforme nota oficial que publicámos, protestou contra essa medida do bloqueio britanico, pedindo ao Sr. Ministro da Guerra para fazer desembarcar em Lisboa o material. Esse protesto do ilustre chanceler brasileiro terá a acompanhá-lo todo o Brasil, tanta é a razão que lhe assiste, tanto o facto fere o patriotismo de todos os que defendem a honra da terra brasileira e o prestígio dos seus direitos soberanos. As nossas palavras acompanham, com absoluta sinceridade e plena razão, esse protesto, tanto mais que, com ele, o Brasil surge, ao nosso coração e ao nosso pensamento, como sempre ambicionamos vê-lo: corajoso defensor da justiça e intransigente batalhador em prol da sua dignidade política.

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 176
TEL 43-5422

A BATALHA
Rio de Janeiro
11 JAN 1941

LUX-JORNAL póde tomar para V. S. assinaturas de quaisquer jornais ou revistas do = Brasil. =

# O CASO DO «BAGE'» E AS LIÇÕES, QUE ÊLE ENCERRA

## *A INJUSTIFICAVEL CONDUTA DA GRÃ BRETANHA EM FACE DA POLÍTICA EXTERIOR DO BRASIL*

O povo brasileiro, através da nota distribuida ontem pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, já tem conhecimento de um fato, que é a renovação, em forma talvez mais desagradavel para nós, do incidente do "Siqueira Campos".

O governo britânico, não obstante o protesto claro e veemente do Brasil, insiste em não consentir no livre trânsito do material bélico de propriedade do Governo brasileiro.

Para que a Nação compreenda quanto é injustificavel a conduta da Grã Bretanha, necessario é que rememore a historia desse material bélico, cuja aquisição é um dos episodios do reaparelhamento militar do nosso país, e, portanto, um dos capítulos da serie de esforços, que o Governo nacional vem desenvolvendo, para que possa o Brasil, como Nação soberana, cumprir os seus compromissos de defesa da sua independencia e de solidariedade na sustentação da integridade continental.

Quando, em setembro de 1939, rebentou o conflito europeu, o Brasil tinha, na Inglaterra e na Alemanha, material de guerra, que adquirira e pagara, com o seu dinheiro, isto é, com o dinheiro de cada um dos brasileiros, partícipes, pelo sacrificio imposto a cada um, da tarefa ingente de dar à Patria Exército e Marinha à altura dos imperativos da dignidade e do interesse nacionais. Compráramos à Inglaterra os navios, que lá mandáramos construir. Compráramos à Alemanha o material de guerra terrestre, que, de acordo com as nossas conveniencias, fábricas alemãs nos poderiam fornecer.

Declarada a guerra, comunicou-nos o governo britânico que as unidades da Marinha, construidas para o Brasil, não nos poderiam ser entregues. Nessa ocasião, conformou-se o Brasil com o fato inevitavel, compreendendo naturalmente que a posição da Grã Bretanha impunha a essa nação amiga a triste contingencia de, para defender-se, utilizar material de guerra, que se destinava ao Brasil e aumentar a sua frota com os navios, que para nós construira, um dos quais, aliás, foi a pique, logo no inicio das operações navais de guerra.

A conduta da Alemanha (e não queremos aquí discutir os por quês) foi diferente.

A Alemanha declarou que, não obstante a guerra, em que se achava empenhada, enviaria para o Brasil o material bélico, que o Brasil lhe encomendara e pagara. E' preciso que se saiba que esse material estava integralmente pago: não é, pois, material de propriedade da Alemanha. E' material do Brasil. O Presidente da República em discurso, proferido a 30 de dezembro último, disse textualmente: "O material bélico, que encomendamos, é nosso e custou o nosso dinheiro".

Resolvido embora o incidente do "Siqueira Campos", teima agora o governo britânico em negar autorização para que o material, embarcado no "Bagé", possa atravessar os mares e chegar às nossas mãos. Essa negativa é feita em nome da força e não em nome do direito. Em nome da força, porque parte de uma potencia, que eventualmente exerce o dominio de policia nas aguas que o "Bagé" teria de singrar. Em nome do direito, não, porque nenhuma razão jurídica, em tempo algum justificaria essa negativa. Propriedade do governo brasileiro, destinada ao uso exclusivo do Governo brasileiro e transportada em navio, que é, sob a nossa bandeira, um pedaço de nosso territorio, esse material bélico é nosso e exclusivamente nosso, sob todos os pontos de vista e para todos os efeitos.

Daí, a lógica inflexivel das palavras do Presidente Vargas: "Seria uma violencia aos nossos direitos querer impedir que esse material venha ás nossas mãos, e quem o tentar não poderá esperar de nós atos de boa vontade e espírito de colaboração amistosa".

De fato, se a atitude da Inglaterra é de pura violencia inexplicavel, salvo se quisermos nivelar o mundo civilizado de hoje às épocas bárbaras da pirataria infrene, é, por outro lado, a menos inteligente das atitudes, porque só irá beneficiar a nação inimiga da Inglaterra e prejudicar uma nação neutra, que com a Inglaterra vinha mantendo a mais cordial e correta das condutas. O Brasil não tem de que se arrepender. Defende o seu patrimonio e sabe que nesta guerra não teve nem tem partidarismos ou inclinações: soube manter-se em posição de equidistancia em face dos beligerantes e, a todos olhando como povos tradicionalmente amigos do nosso, só teve palavras para lamentar o choque armado e conservar a sua serena e exemplar imparcialidade na hora aguda, em que a fogueira dos odios mais se inflama. O gesto da Inglaterra tem um efeito moral dos mais desagradaveis para ela. Assemelha-se a uma violencia, que só o desespero e a fraqueza poderiam talvez explicar. E é, sem dúvida, paradoxalmente, um auxilio indireto à nação que intransigentemente a combate. Se o material bélico não vem para o Brasil, que o comprou e pagou, para onde irá, se não para a Alemanha, a aumentar por conseguinte a potencia que todos os dias se despeja dos céus de Londres, das praias da França e das aguas do Mar do Norte, sobre o povo inglês ?

A consequencia da inépcia é intuitiva: o Brasil perde, e perde muito, mas a Alemanha ganha, e ganha alguma coisa, que sem dúvida, há de tornar mais cruciante para a Grã Bretanha o caminho do Calvario.

Esse fato, que surpreende, espanta, desilude e decepciona o povo brasileiro, tão sinceramente amigo do povo da Inglaterra, contem ainda uma lição, que é oportuno salientar. E' a lição da conveniencia, da utilidade e da sabedoria da política internacional do Brasil, orientada, com a ante-visão do futuro, pelo Presidente da República e executada, com brilho e acerto, pelo chanceler Osvaldo Aranha.

O Brasil deve voltar-se para a América. Dizemos mais: o Brasil deve confinar-se à América, imprimindo à sua ação exterior o sentido permanente da continentalidade.

Da Europa só nos vêm gestos como esse da Inglaterra, que melhor é não qualificar. Mas, da América nos tem vindo o intercambio intelectual, que irriga os campos do pensamento, a simpatia sincera, que se traduz nos acordos e nos pactos, graças aos quais não perduram, neste continente, os litigios de fronteiras, e, ainda por cima, o auxilio das nações mais ricas às menos ricas, a cooperação efetiva no terreno financeiro e econômico. Não foi na Europa e, sim, na América do Norte que o Brasil obteve o ouro necessario para a instalação da siderurgia. Não é dos povos europeus, cada dia mais absorvidos pelas exigencias restritivas da luta armada, que podemos esperar amanhã uma capacidade aquisitiva, propicia ao desenvolvimento do nosso comercio com o Velho Mundo. Não é da Europa, que hoje está de mãos postas diante da formidavel potencia industrial da América do Norte, aguardando de um gesto americano a solução do seu destino, não é dessa Europa carcomida e fumegante, que podemos ainda querer nos venha uma cooperação eficaz e util ao nosso progresso. Seja esta, pois, a lição principal do lastimavel incidente do "Bagé": política panamericana, cada vez mais panamericana, combinada com a defesa intransigente das nossas instituições, das características peculiares à forma original da democracia brasileira, que é o Estado Nacional, implantado a 10 de novembro e, dentro de tudo isso, a certeza de que o Brasil, soberano e independente, sejam quais forem as barreiras opostas pelas velhas nações do Velho Mundo, crescerá, será grande, será forte, na América, com a América e pela América.

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX-JORNAL
póde tomar para V. S. assinaturas de quaisquer jornais ou revistas do
= Brasil. =

LUX
JANEIRO
S AIRES 176
13-5422

A BATALHA
Rio de Janeiro
11 JAN 1941

# O CASO DO «BAGE'» E AS LIÇÕES, QUE ÊLE

## A INJUSTIFICAVEL CONDUTA DA GRÃ B
## EM FACE DA POLÍTICA EXTERIOR DO

O povo brasileiro, através da nota distribuida ontem pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, já tem conhecimento de um fato, que é a renovação, em forma talvez mais desagradavel para nós, do incidente do "Siqueira Campos".

O governo britânico, não obstante o protesto claro e veemente do Brasil, insiste em não consentir no livre trânsito do material bélico de propriedade do Governo brasileiro.

Para que a Nação compreenda quanto é injustificavel a conduta da Grã Bretanha, necessario é que rememore a historia desse material bélico, cuja aquisição é um dos episodios do reaparelhamento militar do nosso país, e, portanto, um dos capítulos da serie de esforços, que o Governo nacional vem desenvolvendo, para que possa o Brasil, como Nação soberana, cumprir os seus compromissos de defesa da sua independencia e de solidariedade na sustentação da integridade continental.

Quando, em setembro de 1939, rebentou o conflito europeu, o Brasil tinha, na Inglaterra e na Alemanha, material de guerra, que adquirira e pagara, com o seu dinheiro, isto é, com o dinheiro de cada um dos brasileiros, partícipes, pelo sacrificio imposto a cada um, da tarefa ingente de dar à Patria Exército e Marinha à altura dos imperativos da dignidade e do interesse nacionais. Compráramos à Inglaterra os navios, que lá mandáramos construir. Compráramos à Alemanha o material de guerra terrestre, que, de acordo com as nossas conveniencias, fábricas alemãs nos poderiam fornecer.

Declarada a guerra, comunicou-nos o governo britânico que as unidades da Marinha, construidas para o Brasil, não nos poderiam ser entregues. Nessa ocasião, conformou-se o Brasil com o fato inevitavel, compreendendo naturalmente que a posição da Grã Bretanha impunha a essa nação amiga a triste contingencia de, para defender-se, utilizar material de guerra, que se destinava ao Brasil e aumentar a sua frota com os navios, que para nós construira, um dos quais, aliás, foi a pique, logo no inicio das operações navais de guerra.

A conduta da Alemanha (e não queremos aqui discutir os por quês) foi diferente.

A Alemanha declarou que, não obstante a guerra, em que se achava empenhada, enviaria para o Brasil o material bélico, que o Brasil lhe encomendara e pagara. E' preciso que se saiba que esse material estava integralmente pago: não é, pois, material de propriedade da Alemanha. E' material do Brasil. O Presidente da República em discurso, proferido a 30 de dezembro último, disse textualmente: "O material bélico, que encomendamos, é nosso e custou o nosso dinheiro".

Resolvido embora o incidente do "Siqueira Campos", teima agora o governo britânico em negar autorização para que o material, embarcado no "Bagé", possa atravessar os mares e chegar às nossas mãos. Essa negativa é feita em nome da força e não em nome do direito. Em nome da força, porque parte de uma potencia, que eventualmente exerce o dominio de policia nas aguas que o "Bagé" teria de singrar. Em nome do direito, não, porque nenhuma razão jurídica, em tempo algum justificaria essa negativa. Propriedade do governo brasileiro, destinada ao uso exclusivo do Governo brasileiro e transportada em navio, que é, sob a nossa bandeira, um pedaço de nosso territorio, esse material bélico é nosso e exclusivamente nosso, sob todos os pontos de vista e para todos os efeitos.

Daí, a lógica inflexivel das palavras do Presidente Vargas: "Seria uma violencia aos nossos direitos querer impedir que esse material venha ás nossas mãos, e quem o tentar não poderá esperar de nós atos de boa vontade e espirito de colaboração amistosa".

De fato, se a atitude da Inglaterra é de pura violencia inexplicavel, salvo se quisermos nivelar o mundo civilizado de hoje às épocas bárbaras da pirataria infrene, é, por outro lado, a menos inteligente das atitudes, porque só irá beneficiar a nação inimiga da Inglaterra, e prejudicar uma nação neutra, que com a Inglaterra vinha mantendo a mais cordial e correta das condutas. O Brasil não tem de que se arrepender. Defende o seu patrimonio e sabe que nesta guerra não teve nem tem partidarismos ou inclinações: soube manter-se em posição de equidistancia em face dos beligerantes e, a todos olhando como povos tradicionalmente amigos do nosso, só teve palavras para lamentar o choque armado e conservar a sua serena e exemplar imparcialidade na hora aguda, em que a fogueira dos odios mais se inflama. O gesto da Inglaterra tem um efeito moral dos mais desagradaveis para ela. Assemelha-se a uma violencia, que só o desespero e a fraqueza poderiam talvez explicar. E é, sem dúvida, paradoxalmente, um auxilio indireto à nação que intransigentemente a combate. Se o material bélico não vem para o Brasil, que o comprou e pagou, para onde irá, se não para a Alemanha, a aumentar por conseguinte a potencia que todos os dias se despeja dos céus de Londres, das praias da França e das aguas do Mar do Norte, sobre o povo inglês ?

A consequencia da inépcia é intuitiva: o Brasil perde, e perde muito, mas a Alemanha ganha, e ganha alguma coisa, que sem dúvida, há de tornar mais cruciante para a Grã Bretanha o caminho do Calvario.

Esse fato, que surpreende, espanta, desilude e decepciona o povo brasileiro, tão sinceramente amigo do povo da Inglaterra, contem ainda uma lição, que é oportuno salientar. E' a lição da conveniencia, da utilidade e da sabedoria da política internacional do Brasil, orientada, com a ante-visão do futuro, pelo Presidente da República e executada, com brilho e acerto, pelo chanceler Osvaldo Aranha.

O Brasil deve voltar-se para a América. Dizemos mais: o Brasil deve confinar-se à América, imprimindo à sua ação exterior o sentido permanente da continentalidade, porque esse é o sentido dos nossos interesses e do nosso ideal.

Da Europa só nos tem vindo os dissabores e as amarguras, que culminam no inglorio gesto de cercear o direito sagrado de uma nação soberana, o direito de ser forte, para poder manter as suas fronteiras e respeitar com honra os seus tratados.

Quando não tenta exportar para estas plagas regimes que, não se adaptam à nossa mentalidade, ou quando não nos acena com a transformação perigosa de colonias em minorias, para lançar o Brasil no cáos de um internacionalismo, que é o pseudônimo de todas as hegemonias veladas, que nos dá essa Europa em fogo e em frangalhos, se não a prova clara de que não nos compreende e de que não concorda com o nosso propósito de crescer belamente dentro da paz e de, guardando o nosso feitio autônomo de povo livre, servir tambem, pelo espírito de fraternidade, a todos os povos, que pela vizinhança das terras ou das aspirações, ainda conseguem, dentro de um mundo dividido, conservar a unidade moral e a solidariedade no trabalho ?

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 176
TEL 43-5422

Meio Dia
Rio de Janeiro

10 de Janeiro de 1941

Quer receber diariamente o que no Brasil se escreve na imprensa sobre determinado assunto?

Basta tomar uma assinatura de recortes de jornais do LUX-JORNAL

# A INGLATERRA NÃO QUER QUE NOS ARMEMOS

Novo incidente provocado pela Inglaterra focaliza o Brasil como alvo da má vontade dos ingleses. Temos a honra da preferencia inglesa no seu programa de hostilizar um pais sul-americano. Esta guerra vem-nos prejudicando a todos nós, americanos do sul, de modo doloroso, atingindo-nos na economia dos nossos povos, pondo em dificuldades o nosso desenvolvimento comercial e economico, tudo em beneficio dos ingleses. Muito se tem escrito a respeito, pretendendo os amigos da Inglaterra negar que sejamos prejudicados por culpa dessa sua amiga. Entretanto, ai está a verdade, clara e insofismavel. A guerra que a Inglaterra faz contra a Alemanha está trazendo prejuizos incalculaveis aos americanos do sul. Mas, ocupemo-nos de nós, brasileiros. O presidente Getulio Vargas disse no seu memoravel discurso do banquete das Forças Armadas:

"O MATERIAL BELICO QUE ENCOMENDAMOS E' NOSSO E CUSTOU O NOSSO DINHEIRO. SERIA UMA VIOLENCIA AOS NOSSOS DIREITOS QUERER IMPEDIR QUE VENHA A'S NOSSAS MÃOS, E QUEM O TENTAR NÃO PODERA' ESPERAR DE NO'S ATO DE BOA VONTADE E ESPIRITO DE COLABORAÇÃO".

A violencia foi praticada. Uma inominavel violencia, pois pretende a Inglaterra impedir-nos de trazer para casa o que é nosso e custou o nosso dinheiro. A Inglaterra não quer que o Brasil se arme! E por que motivo? Sente ela que não tem ambiente aqui favoravel ás suas manifestações de força e que o aumento do nosso poder militar seria desfavoravel a qualquer futura manifestação "mais objetiva" da sua prepotencia?

Fiquemos atentos. Esse quarto incidente revela um programa de provocações e violencias contra o Brasil. Fomos escolhidos entre os povos continentais como alvo da arbitrariedade britanica não porque sejamos ao menos simpatizantes com a Inglaterra, mas porque somos o povo sul-americano que marcha para a frente resolutamente, organizando-se em todos os seus elementos nacionais de modo a ficar em situação de poder enfrentar com altivez os atentados á nossa soberania. Dai a Inglaterra querer impedir que nos armemos. E por isso mesmo tudo devemos fazer para nos armar, porque já agora nos sentimos claramente ameaçados.

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 176
TEL 43-5422

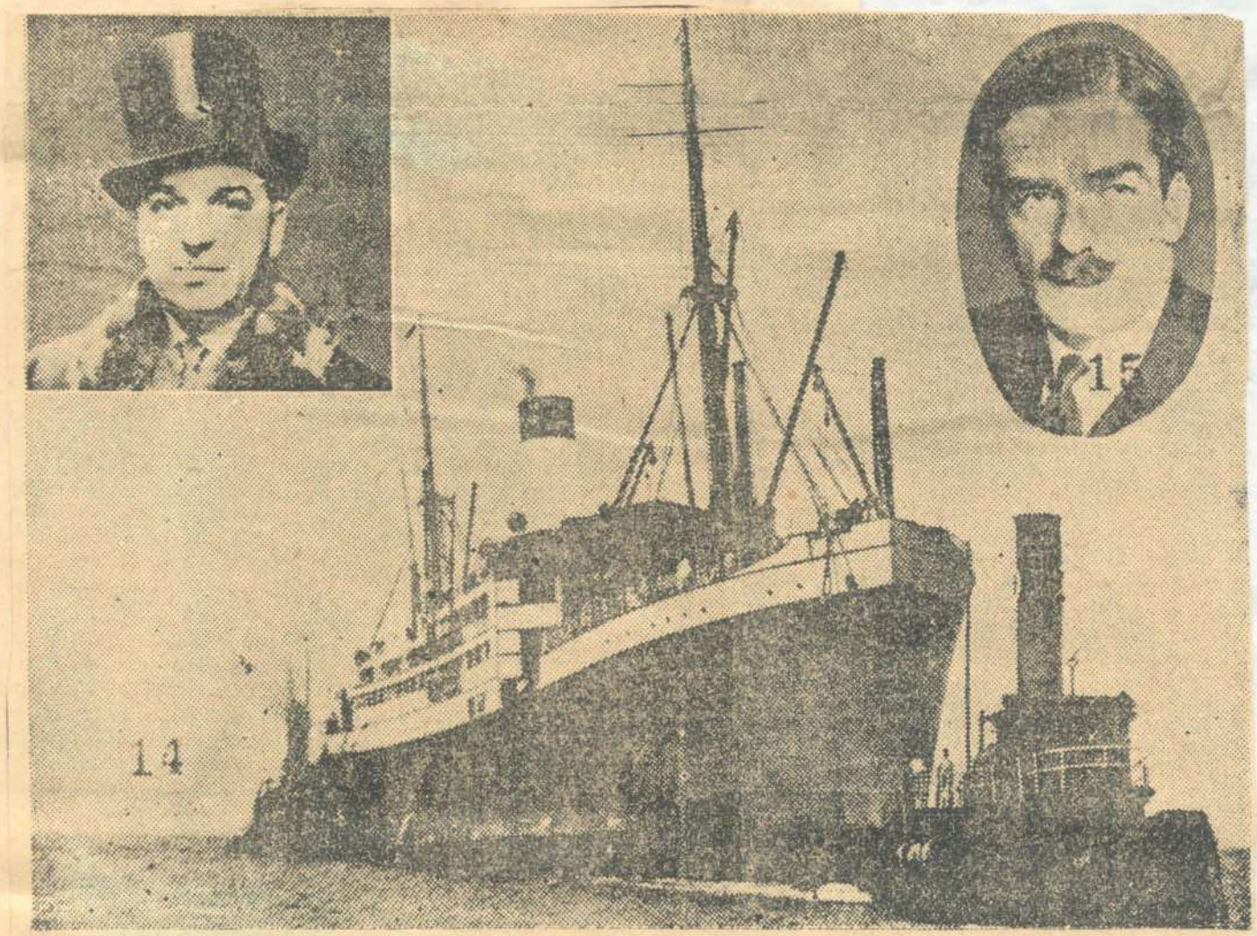
# Meio Dia

Rio de Janeiro

10 de Janeiro de 1941

Quer receber diariamente o que no Brasil se escreve na imprensa sobre determinado assunto?

Basta tomar uma assinatura de recortes de jornais do LUX-JORNAL



**UM NOVO ATENTADO INGLÊS foi praticado contra a soberania do Brasil. O "Bagé", da frota do Lloyd Brasileiro, acha-se em Lisboa, sem poder conduzir para o nosso país o material belico adquirido e pago pelo governo, de acordo com a nova politica de aparelhamento das forças militares brasileiras. Na gravura vêem-se o "Bagé e, nos medalhões, á esquerda, o embaixador Moniz de Aragão que protestou contra o ato de violencia do governo de Londres, junto ao ministro do Exterior da Grã Bretanha, Anthony Eden, que se vê á direita**

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AYRES 178
TEL. 43-5411

A NOITE
Rio de Janeiro

10 JAN 1941

V. S. não tem tempo para lêr em todos os jornais o assunto que lhe interessa ?
— — LUX-JORNAL fará esse serviço.

# O CASO DO "BAGE'"

REPETE-SE o desegradavel incidente do "Siqueira Campos". Acabando este de chegar aos portos brasileiros, depois de resolvidas as dificuldades opostas á sua passagem pela esquadra britanica, vem a publico a decisão das autoridades de Londres negando livre transito ao material belico que se encontra a bordo do "Bagé", em Lisboa, para ser transportado para o Brasil. O governo e o povo do Brasil não se podem conformar com essa interpretação extensiva dada ao bloqueio pelo governo inglês. Adquirido, com recursos de nossa economia, para a exclusiva defesa do nosso territorio, o material embargado pertence ao Brasil tanto quanto representa uma parte da contribuição brasileira para a garantia do Novo Continente. Esse material não aproveitaria á Alemanha e o seu embargo de nenhum modo concorrerá para criar á Alemanha as dificuldades de abastecimento que a Inglaterra tem em vista com o bloqueio. Privando-nos de recebe-lo e de com ele enriquecer o equipamento do nosso Exercito, a Grã-Bretanha pratica um ato que, sobre ser indiferente ao desfecho de sua luta com o Reich, constitue uma provocação irritante contra um país que, como o Brasil, tem dado á Inglaterra provas sobejas de amizade e de espirito de cooperação pacifica. De outro lado, não é possivel calar a impressão de ridiculo que deixa em todos os espiritos lucidos, a insistencia com que a esquadra britanica procura cada vez mais exercitar sobre os navios neutros o seu prestigio e transferir ás nações americanas o peso da guerra.

E' indiscutivel que, para os interesses britanicos, teria sido mais util impedir o carregamento do abundante material de guerra que o Exercito e a Marinha da Alemanha fizeram e continuam fazer atravessar o Skagerrak, o Mar do Norte e a Mancha com destino ás costas da Noruega, e da França, ou cortar o caminho aos submarinos e aos corsarios alemães que tão grandes baixas vêm causando á tonelagem mercante da Inglaterra nos sete mares do mundo. Abandonar as belonaves germanicas para voltar a ameaça dos seus canhões contra as embarcações neutras e desarmadas que se dirigem a paises neutros e amigos, é uma pratica que infelizmente destôa das tradições de bravura da armada de Sua Majestade e da elegancia que se devem as nações no seu trato mutuo.

O Brasil tem o direito de esperar que não se renovem as faceis proezas da esquadra britanica contra a sua navegação. E' um direito que nos garante o estatuto da neutralidade, fundado nos preceitos da justiça e da civilização que com tamanha enfase a Inglaterra sustenta defender.

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 178
TEL 43-5422

O IMPARCIAL
Rio de Janeiro
11 de Janeiro de 1941

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

Sabe V. S. que tempo para ler em todos os jornais o assunto que lhe interessa?
— — LUX-JORNAL fará esse serviço.

# O BRASIL, A EUROPA E A AMERICA

644

J. S. MACIEL FILHO

*A deliberação do governo inglez de não permittir o transporte do armamento brasileiro adquirido e pago antes da guerra, á Allemanha, parece facto consummado. O Governo brasileiro protestou contra essa deliberação. O "Bagé" está desembarcando o armamento que tinha carregado em Lisboa. Não nos será entregue o que compramos e pagamos.*

*Um "slogan" de propaganda ingleza affirma que a Grã-Bretanha entrega as suas mercadorias. Esse "slogan" póde ser completado de outra maneira: "...e não permitte que os outros entreguem".*

* * *

*O Brasil tinha encommendado seis destroyers á Inglaterra. Estavam pagos. A Grã-Bretanha nos devolveu o dinheiro e ficou com os navios de guerra. Durante muito tempo, antes da guerra, os representantes dos estaleiros inglezes tudo fizeram para obter essa encommenda. Mas quando os destroyers ficaram promptos, para cá não vieram.*

* * *

*A Inglaterra precisava daquelles navios. Nós tambem precisavamos, pois doutra fórma não os teriamos encommendado. Mas por determinação e conveniencia do governo inglez ficamos com a nossa marinha desfalcada. Agora, por determinação do governo inglez, é o nosso exercito que fica sem armamento.*

* * *

*Os destroyers podiam ser uteis á Inglaterra. Mas que utilidade terão os canhões que compramos á Allemanha? Se a potencia continental não estivesse satisfazendo seus compromissos, comprehenderiamos e nos resignariamos ao prejuizo. Mas a Allemanha procedeu de modo differente. Está cumprindo sua palavra. A Inglaterra, que deixou de attender ás necessidades do Brasil e não entregou os destroyers construidos por nossa encommenda, é quem impede que o nosso Exercito seja equipado, negando passagem ao armamento fabricado na Allemanha.*

* * *

*Por mais que se procure uma explicação a essa attitude, não se encontra. Mas todos nós, brasileiros, e todos nós, americanos, chegamos a uma conclusão: se quizermos viver, devemos não olhar para a Europa. De lá só nos pódem vir aborrecimentos e perturbações da nossa economia, da nossa vida. O horizonte panamericano se impõe ao Brasil como necessidade e unica solução de existencia. Não é possivel construir uma economia na base do mercado europeu, porque de periodo em periodo o bloqueio e a guerra arrasam o mundo que estiver vinculado áquelle continente infernal.*

* * *

*Quando se fundou a Liga das Nações, o Brasil della fez parte com o espirito elevado de harmonia universal. De lá nos tocaram para fóra afim de se abrir um lugar para a Allemanha. Agora se dilaceram todos. E nós, felizmente, estamos á margem. Se a lição não nos serviu, que nos sejam de grande utilidade nesta hora os ensinamentos que nos são ministrados. Devemos cuidar da nossa vida e nossa vida está na America.*

* * *

*Um telegramma que nos fez sorrir dá noticia de uma cooperação entre as nações da America latina para emprestar á Inglaterra armas a serem utilizadas na luta contra as potencias do Eixo. Que armas? Todos nós, sul-americanos, em modo especial o Brasil, estamos desarmados. Não temos nem o indispensavel para a nossa defesa. Assim o quer a Inglaterra em relação ao Brasil. Já sabemos que com a Europa não é possivel negociar. Depois da guerra todos procurarão empurrar para o Brasil o armamento velho. Já tivemos experiencia da vez passada. De qualquer fórma o Brasil, para se defender, só póde contar com os Estados Unidos. Ficamos scientes disso.*

* * *

*O presidente Roosevelt tem feito do Brasil uma nação dedicada aos Estados Unidos. Nossa amizade tradicional se transformou em reconhecimento e gratidão pela nobre attitude do governo e do povo americano em relação ao nosso Paiz. Vencendo as campanhas de interesses industriaes locaes o presidente Roosevelt cooperou decisivamente pela creação da nossa siderurgia. Imposto o cumprimento da palavra empenhada, o presidente Roosevelt determinou a entrega de 14 navios comprados pelo Governo brasileiro para o Lloyd apesar da enorme differença de preço a nosso favor. O Banco de Importação e Exportação tem mantido uma politica financeira que desafogou nosso commercio e nossa industria. Todo o material de guerra de que temos necessitado nos tem sido fornecido por preços de custo. Nosso café foi amparado pelo accordo de quotas, que é a salvação da nossa lavoura. Nada nos foi pedido e tudo nos foi dado com um alto espirito de cooperação e de amizade.*

* * *

*A cooperação norte-americana com o Brasil determina o nosso reconhecimento. Verificamos que a politica da bôa vizinhança se transforma numa politica de dedicação, de sinceridade e de cooperação desinteressada. Um homem como o presidente Roosevelt, que tem em alto apreço os factores moraes, sabe que o Brasil jamais esquecerá a conducta nobre de seu governo e de seu povo. Nossas Forças Armadas se estão equipando com material norte-americano. Esse é o nosso caminho. Está certa a linha pan-americana que o presidente Getulio Vargas ajudou a construir. Mais uma vez se verifica quanto foi justa e equilibrada a previsão do Presidente do Brasil quando coordenou uma politica de amizade sul-americana, os alicerces para a grande obra do pan-americanismo, que hoje, para todas as Nações da America, é um ideal que se affirma como imperativo de consciencia.*

* * *

*Nada afastará o Brasil dessas directrizes que constituem a pedra angular da politica internacional que o presidente Getulio Vargas traçou desde a revolução de 1930. Não cabem no caso explorações. O Brasil está firmemente ao lado de toda a America porque é parte da America e nessa politica continental vê o equilibrio e a serenidade, a ordem no nosso hemispherio e as garantias para a sua evolução e o seu progresso. Não faltarão armas ao nosso Exercito nem navios á nossa Marinha. Graças á cooperação do presidente Roosevelt, nós forjaremos em nossas uzinas essas armas e construiremos em nossos estaleiros os nossos navios.*

*Cada arma será feita para a defesa da America e cada navio será construido para a liberdade nos mares.*

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 176
TEL 43-5422

A Tarde
Rio de Janeiro

10 de Janeiro de 1941

Quer receber diariamente o que no Brasil se escreve na imprensa sobre determinado assunto?

Basta tomar uma assinatura de recortes de jornais do LUX-JORNAL

# Bôa tarde

1941

O governo inglez negou livre transito ao transatlantico brasileiro "Bagé", que se encontra em Lisboa com um carregamento de material bellico adquirido pelo nosso governo na Allemanha. O ministro das Relações Exteriores já communicou o facto ao ministro da Guerra, solicitando a expedição das ordens necessarias para o desembarque do alludido material de guerra. Assim, é mais uma questão diplomatica que se cria entre a Inglaterra e o Brasil.

O nosso governo, através do Itamaraty, protestou contra o facto dentro das leis que regulam o livre transito nos mares, de navios pertencentes a povos neutros. Se a Inglaterra, pela necessidade de manter o bloqueio do Atlantico se acha com o direito de adoptar medidas como esta, os povos que se conservam neutros em face do conflicto europeu tambem têm direitos que não devem ser violados. Com o caso do "Bagé", é o quarto conflicto diplomatico que a Inglaterra cria comnosco. A nossa chancellaria, reflectindo a decisão esclarecida e patriotica do Presidente Vargas, tem sabido se conduzir com brilho e energia nessas duras emergencias. As questões anteriores tiveram, por isso mesmo, solução. Mal a opinião publica se desafogou da reacção provocada por taes attentados á nossa soberania, o governo britannico cria um novo caso. Além de violar um nosso direito liquido, positivo e incontestavel, qual seja o de transportar em navio nosso o que nos pertence, o governo inglez pratica comnosco um acto inamistoso. Ainda estão bem nitidas na consciencia de todos os brasileiros as recentes palavras do Presidente Vargas accentuando que praticas de tal natureza não podem promover a cooperação entre os povos. Bôa tarde!

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 176
TEL. 43-5422

Meio Dia
Rio de Janeiro

10 de Janeiro de 1941

Quer receber diariamente o que no Brasil se escreve na imprensa sobre determinado assunto?

Basta tomar uma assinatura de recortes de jornais do LUX-JORNAL

# Impertinente atitude inglesa contra o Brasil

Mais uma vez as autoridades britanicas que superintendem o bloqueio se opõem a um legitimo direito do Brasil, qual seja o de transportar livremente material belico adquirido no estrangeiro e necessario ao equipamento do seu Exercito.

Está na lembrança de todos a impertinente atitude inglesa assumida quando da passagem do "Siqueira Campos" por Gibraltar.

Navios do nosso pavilhão, conduzindo armamentos legitimamente adquiridos em outros paises, vêem-se frequentemente abordados pelos vasos britanicos e autoridades portuarias do controle do bloqueio e são retardados na sua marcha ou obrigados a desembarcar a mercadoria que trazem a bordo.

A frequencia desses incidentes revela que não está sendo compreendida devidamente pelo governo de Londres a posição de estrita neutralidade que o Brasil vem guardando em face do conflito europeu, com o qual não tem nenhum traço de ligação material ou espiritual, mantendo boa amizade com ambas as fações em luta.

Essa posição tem sido cuidadosa e sabiamente mantida, sob a inspiração do presidente Vargas e, até hoje nenhum ato de nossa parte veio contrariar os interesses dos beligerantes europeus, provocando queixas de quem quer que seja.

No entanto, vale assinalar que não temos encontrado a correspondencia que seria justo esperar da parte do governo da Inglaterra, pais com o qual temos mantido secularmente relações amistosas.

O ato que acabam de praticar os ingleses em Lisboa, fére de frente e muito fundamente uma franquia que desfrutamos como pais soberano, que é essa de nos armarmos para fazer face a qualquer circunstancia imprevista que se nos antolhe.

As armas que adquirimos, com grandes sacrificios para a nossa defesa — porque não está na linha tradicional do Brasil a agressão a outros paises — estão a esta hora confiscadas em Lisboa, embora com o protesto feito em tempo oportuno. Tudo indica que governo inglés, apreciando, no seu vulto e no seu significado, a impertinencia e a arrogancia da sua atitude, reconsidere esse ato ofensivo aos nossos brios, cuja reincidencia deliberada não poderá continuar a ser impunemente suportada pelo Brasil.

Não seria fóra de proposito lembrar que pelo proprio direito internacional, o nosso governo encontraria justificativa para uma represalia á altura da violencia inglesa.

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 176
TEL. 43-8427

O GLOBO
Rio de Janeiro
11 de Janeiro de 1941

Si V. S. desejar uma assinatura de qualquer jornal ou revista do Brasil, dirija-se ao LUX-JORNAL

# MAIS UM EPISODIO DEPLORAVEL

644

Em meio á dramatica escuridade que se adensa por toda a Europa, impedindo-nos olhar a faixa das fronteiras dessa ou daquella soberania, porque todas se apagam á sombra esmagadora do nazismo, ou das armas oppressoras, não ha claridade que mais deslumbre a consciencia humana que essa que inunda e envolve os povos do continente americano. Todos surgem, de facto, ao fragor da guerra distante, tocados dessa luz dos ideaes que formam a grandeza da nossa civilisação laboriosa e pacifica. E' como que esse estado de graça, a transparecer da existencia do hemispherio privilegiado pelas riquezas da intelligencia e do trabalho constructivo, que explica a collisão de certos actos que irrompem desusados e lamentaveis. Está nesse caso a sensação que, não ha muito, todos experimentavamos á vista da decisão do Ministerio do Bloqueio Britannico, detendo o "Siqueira Campos" em Gibraltar, e impedindo que elle nos transportasse os proprios armamentos, adquiridos e pagos á Allemanha antes da irrupção do conflicto. Felizmente, o Ministerio do Bloqueio, attendendo a razões irrespondiveis da nossa soberania e dos nossos direitos, soube afastar esse motivo legitimo de revolta. Mas, tudo parecia desfeito como um equivoco lastimoso, e eis que agora, sob os mesmos injustificaveis fundamentos, é detido o "Bagé", sob pretxto de carregar armamentos que nos são destinados e que, por isso mesmo, só poderiam ser empregados na defesa dos dictames da politica pan-americana, a que o Brasil se acha integrado de facto e de direito, como tantas vezes tem accentuado o patriotismo sereno do Sr. Getulio Vargas, e jamais contra os interesses do Imperio Britannico. E' attentando nesse aspecto deploravel do novo incidente criado pelo Ministerio do Bloqueio, que desejamos, o quanto cabe em nossas forças, fortalecer nestas linhas o protesto que contra aquella detenção menos amistosa acaba de fazer o nosso Governo.

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 178
TEL. 43-5423

A BATALHA
Rio de Janeiro
12 de Janeiro de 1941

V. S. quer saber o que a seu respeito dizem todos os jornais do Brasil? Tome uma assinatura do LUX-JORNAL

# ACINTE E INJUSTIÇA

A Inglaterra nega ao Brasil o livre trânsito para o armamento, que o governo brasileiro comprou e pagou. O material bélico não pode, assim, nem mesmo transportado em navio nosso, chegar às nossas mãos. Este é o fato. Basta narrá-lo em sua nudez, para que se veja o que ele demonstra de acinte e de injustiça, de atentado contra os nossos direitos e de falta de inteligencia, tambem.

Já a Inglaterra não nos havia entregue os navios, que em seus estaleiros construimos e que haviamos pago. Esse procedimento, sem dúvida, nos prejudicou. Se encomendamos os navios, foi porque deles precisávamos. Mas vá lá que as necessidades da defesa britânica ditassem imperiosamente essa conduta, esse cancelamento de um compromisso. O que não se compreende nem se justifica é que a Inglaterra teime em nos prejudicar, não mais retendo o material, que se encontrava em seus arsenais, mas o material, que compramos na Alemanha. Quiz a Alemanha, num gesto de fidelidade comercial, que não é possivel deixar de encarecer, garantir-nos, apesar da guerra, a entrega de nossas encomendas. O raciocinio de uma criança é suficiente para tirar logo esta ilação: o material bélico, que sai da Alemanha, não pode ser utilizado pela Alemanha. Logo, não pode robustecer a inimiga da Inglaterra. Imaginemos, entretanto, que a Alemanha, com essa exportação, lucrasse em divisas e se fortalecesse financeiramente. A hipótese é absurda, porque, antes do inicio da guerra, já o Brasil havia pago o material encomendado. O que a Alemanha tinha de ganhar já ganhou e a sua correção na entrega da mercadoria é determinada justamente pela circunstancia de que a mercadoria está paga e, portanto, não lhe pertence e, sim, ao governo brasileiro. O resultado da atitude inglesa é, pois, única e exclusivamente, o prejuizo do Brasil. Não contente com a evaporação dos nossos destroyers, resolve, agora, impedir que tenhamos mais canhões e metralhadoras. E' ou não é acinte? E' ou não é a mais flagrante injustiça? O Brasil, de viseira erguida, pode invocar em seu abono a sua exemplar neutralidade. A missão do marquês de Willingdon pode verificar que essa neutralidade é a forma concreta, pela qual traduzimos as nossas amizades tradicionais, que nos ligam secularmente à Inglaterra e que tambem nos fazem considerar a Alemanha uma nação que mantém conosco as melhores relações. A preocupação dominante da nossa política exterior é a solidariedade continental. O Brasil não é uma nação conquistadora ou de tendencias agressivas. Assumiu, perante as nações da América, compromissos de defesa comum. Para cumpri-los, precisa armar-se mais e melhor. Em que e porquê a política de solidariedade continental e o propósito de ser uma nação forte, para o bem de nós mesmos e da América, possam incomodar a Inglaterra: eis um misterio, que ninguem decifrará. Nem é possivel ainda a hipótese de que a Inglaterra ambicione para ela o material, que é nosso. Se é verdade que a Inglaterra está com peruria de material bélico, tanto que implora o auxilio dos Estados Unidos e só parece que marchará com essas gigantescas e generosas muletas, o material do "Bagé", mesmo não vindo para o Brasil, não irá para as mãos dos ingleses. Terá de ser devolvido à Alemanha e, então, é provavel até que ele sirva para martelar a Inglaterra, que, pelo visto, passou a ser vitima de um curioso sadismo...

Depois de tudo isso, surgem noticias de uma cooperação entre as nações da América Latina para emprestar a Inglaterra armas a serem utilizadas contra a Alemnha. Essas armas só podem ser as mesmas que a Inglaterra proibe venham às nossas mãos e faz com que fiquem nas mãos da propria Alemanha. Como paradoxo e como ridículo, o acontecimento é digno do comentario de um Bernard Shaw...

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 178
TEL 43-5677

DIARIO DA NOITE
Rio de Janeiro
11 de Janeiro de 1941

V. S. não tem tempo para lêr em todos os jornais o assunto que lhe interessa ?
— — LUX-JORNAL fará esse serviço.

# O caso do Bagè

644

Acaba o Itamaraty de solicitar ao Ministerio da Guerra que dê permissão para que seja descarregado em Lisboa o material bellico brasileiro que se encontra no "Bage" Determinou tal solicitação, como já é do dominio publico, a recusa, por parte das autoridades britannicas, de fornecer o indispensavel "navicert" que permitte livre transito através o bloqueio.

Quando foi da estadia forçada do "Siqueira Campos" em Gibraltar, caso que tão desagradavelmente repercutiu na opinião nacional e de toda a America, DIARIO DA NOITE teve opportunidade de manifestar sua surpresa, que era a de todos os brasileiros, por esse descabido e indelicado tratamento, em tudo e por tudo contrario á maneira por que nos vimos conduzindo no presente conflicto e ao respeito que os beligerantes devem á nossa neutralidade.

As condições em que foram feitas as compras de material de guerra na Allemanha davam-nos o direito de exigir o seu embarque para o Brasil, pois não havia de nossa parte a menor infracção dos principios juridicos estabelecidos para o bloqueio e o contrabando de guerra.

O mesmo caso, com todas as suas caracteristicas, aggravadas ainda com a recusa peremptoria de deixar que os nossos armamentos cheguem ao seu justo destino, se repete agora. Nada ha que justifique a sujeição ao contrôle britannico da carga que nos pertence, que foi adquirida com o nosso dinheiro. Por isso, como no incidente com o "Siqueira Campos", junta-se agora ao protesto do governo do Brasil o de toda a Nação, que jamais consentirá na violação, que é flagrante de seus direitos soberanos.

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 176
TEL. 43-5422

Vanguarda
Rio de Janeiro

11 de Janeiro de 1941

V. S. não tem tempo para lêr em todos os jornais o assunto que lhe interessa ?
— — LUX-JORNAL fará esse serviço.

# UMA TEIMOSIA
## que redundou em acto inamistoso

Novamente, o mecanismo do bloqueio inglez prejudica interesses do Brasil: as autoridades britannicas, conforme foi hontem noticiado por toda a imprensa do nosso paiz, negaram transito livre ao carregamento de armas comprado na Allemanha antes do actual conflicto e destinado ao Exercito brasileiro. E desse modo, a referida carga que deveria vir pelo "Bagé", ficou em Lisboa, tendo as autoridades portuguezas, gentilmente, accedido em guardal-a nos armazens do Arsenal.

O que não se compreende no caso é o motivo que levaria os executores do bloqueio britannico á pratica de actos inamistosos dessa especie.

A Inglaterra está em luta é com a Allemanha. E a recusa em permittir o transporte desse carregamento prejudica o Brasil e não o Reich. Este já recebeu o dinheiro do seu material, que não podemos receber.

As armas foram negociadas antes da guerra e pagas antes que a Inglaterra declarasse o bloqueio contra todas as mercadorias procedentes da Allemanha. Eram, portanto, mercadorias nossas e a sua compra não affectou, em coisa alguma, a rede de prohibições que o bloqueio inglez estendeu em torno do seu adversario.

Que lucram, portanto, as autoridades navaes britannicas com seu pyrrhonismo ? Qual a contribuição directa ou indirecta que essa acção pode trazer ao esforço da Inglaterra pela conquista da victoria ?

Evidentemente nenhum. As consequencias só podem ser negativas. Porque, se o acto em nada affecta a Allemanha, em compensação affecta gravemente o Brasil, que é uma nação tradicionalmente amiga da Inglaterra; que tem mantido uma neutralidade absoluta neste conflicto; que é, além do mais, um paiz do continente americano para onde os governantes inglezes lançam os olhos esperançosos, enxergando neste lado do Atlantico, a nova força reguladora dos destinos do mundo e o reducto dos ideaes de liberdade e dignidade da pessoa humana pelos quaes a Inglaterra arvora a sua bandeira de guerra.

Uma estreita cadeia de solidariedade une, neste momento, as Americas, sendo a politica brasileira tradicionalmente ao lado da estadunidense E esta é de amparo ás nações deste continente.

As desconsiderações que forem feitas a uma repercutem em todas e por todas são sentidas da mesma fórma. Como quer a Inglaterra conquistar a bôa vontade do Novo Mundo, se envereda pela pratica de actos dessa especie, que apenas reflectem uma incrivel teimosia alliada a absoluta ausencia de senso commum?

A Marinha britannica tem sete mares para patrulhar e nesses vastos oceanos ha, a cada momento, opportunidade para brilhantes aventuras e maravilhosas façanhas para intrepidos marinheiros. Não compreendemos, pois, por que motivo o objectivo naval inglez se tornam violentos sobre pacificos navios mercantes neutros, quando ha tantos corsarios e submarinos por ahi afóra...

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 176
TEL. 23-3422

Correio da Noite
Rio de Janeiro
1 JAN 1941

Si V. S. desejar uma assinatura de qualquer jornal ou revista do Brasil, dirija-se ao LUX-JORNAL

# COMMENTARIOS

## A DECISÃO QUE O BRASIL ESPERA

6447

*A politica externa do Brasil sempre foi uma linha recta. Sua base é a collaboração continental, em qualquer emergencia e em todos os terrenos. Ainda ha dias, o nosso presidente ratificou esse ideal, que é o ideal commum do Novo Mundo. Dentro de tal panorama harmonioso, o Brasil, como as demais nações americanas, tem procurado se preparar, militarmente, para a tarefa, commum á America, de repellir qualquer aggressão que venha ferir a nossa soberania. Com economias proprias, adquirimos, onde nos pareceu mais vantajoso, armamento moderno para nosso Exercito. Não nos cabe a culpa de, após a acquisição, ter estalado a guerra entre o Reich, que nos vendera, e a Inglaterra, que procura obstar o transporte do material para o Brasil. O que mais preoccupou os 50 milhões de brasileiros foi a série de incidentes incomprehensiveis creados pelo controle naval britannico contra as unidades mercantes deste paiz. Julgavamos tudo solucionado após o caso do "Siqueira Campos" e eis que surge o do "Bagé". A ultima remessa de armamentos, que deveria vir nesse navio, foi desembarcada em Lisboa, deante da intransigencia ingleza. As razões? Não existem, pelo menos razões que determinassem gesto tão inamistoso para com um paiz, rigidamente neutro, que tem testemunhado á Grã Bretanha, uma amizade que encontra suas origens na guerra da Independencia. O governo de Londres tem proclamado aos quatro ventos que luta pela liberdade dos povos. E' em nome dessa liberdade que se attinge agora, um paiz que timbrou, sempre, em manter conducta retilinea, no concerto das nações? Esperamos que não tenha sido dada a ultima palavra sobre o caso do "Bagé". Esperamos que um amadurecimento da attitude dos dirigentes do controle britannico origine uma satisfação á nossa patria. Na America têm ecoado os appellos britannicos, nesta hora conturbada. E' justo que encontre eco tambem na Grã Bretanha os appellos do continente. E' o que aguardam os indissoluvelmente ligados paizes do Novo Mundo, para que não soffram as relações de dois Estados soberanos tradicionalmente amigos.*

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

LUX JORNAL
RIO DE JANEIRO
R. BUENOS AIRES 176
TEL. 43-5422

Diario de Notícias
Rio de Janeiro
12 de Janeiro de 1941

V. S. quer saber o que a seu respeito dizem todos os jornais do Brasil? Tome uma assinatura do LUX-JORNAL

# Repercute no continente o caso do "Bagé"

## O APOIO DAS REPÚBLICAS IRMÃS AO BRASIL

1939

BUENOS AIRES, 11 (U. P.) — O jornal católico "El Pueblo", em um título a 5 colunas situado em uma página interior, diz o seguinte:

"O Brasil requereu o apoio das nações americanas em virtude da retenção de material bélico", e publica um editorial no qual diz, entre outras coisas, o seguinte: "A atitude adotada pelo governo da Grã Bretanha, negando à República do Brasil o direito de transportar o material bélico que adquiriu na Alemanha, que permanece detido no porto de Lisboa, motivou uma troca de notas entre as principais Chancelarias do continente.

Sabe-se que o Itamartí formulou um protesto perante Londres por intermedio do seu embaixador.

O governo brasileiro alegou que o referido material havia sido adquirido por contrato firmado antes da guerra".

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

Buenos Aires, enero 21 de 1941.

D.A.P.

42

Señor Embajador:

Tengo el honor de acusar recibo a la nota de V.E. Nº 19 de 13 del mes en curso, con la cual tiene a bien remitir varios recortes de prensa conteniendo comentarios concernientes al incidente suscitado por el caso del vapor brasileño "Bagé".

Reitero a V.E. las seguridades de mi más alta consideración.

ROBERTO GACHE
SUB SECRETARIO DE RELACIONES EXTERIORES

A S.E. el Embajador Extraordinario y Plenipotenciario de la República Argentina en el Brasil, Doctor Eduardo Labougle.

Archivo Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto
Argentina

# INDICE

F. 149

| FOLIO | FECHA | No. | PROCEDENCIA | OBJETO |
|---|---|---|---|---|
| | | | | |

Archivo
Histórico
Ministerio de Relaciones Exteriores,
Comercio Internacional y Culto
Argentina